

CURSO ONLINE DE TEOLOGIA

PENTATEUCO

Um Panorama da Mensagem, Literatura e
Interpretação dos Livros de Moisés.

INSTITUTO DE TEOLOGIA LOGOS

PREPARANDO CRISTÃOS PARA A DEFESA DA FÉ

CURSOS DE TEOLOGIA 100% Á DISTÂNCIA

DISCIPLINA

PENTATEUCO

(Organizado pelo Setor Acadêmico do ITL)

BRASIL, MA

Versão 2021

Pesquisa e Organização do Conteúdo:

Instituto de Teologia Logos, EA

Gráficos, Edição e Finalização:

Instituto de Teologia Logos, EEG

DADOS DE CATALOGAÇÃO INTERNA DA PUBLICAÇÃO – DCIP

CÓDIGO DCIP: 001-057-2021-1

CÓDIGO DISCIPLINA: ITLON57

LOGOS, Instituto de Teologia (ORG). **PENTATEUCO.**

MARANHÃO: PUBLICAÇÕES ITL, 2021. 186 pgs.

Instituto de Teologia Logos – Diretoria de Ensino

Barra do Corda - MA - Brasil - 65950-000

(99) 98433-5387 | institutedeteologialogos@hotmail.com

SUMÁRIO

1 - CONHECENDO O PENTATEUCO	8
1.1. AUTORIA DO PENTATEUCO	10
1.2. OS LIVROS DO PENTATEUCO	12
2 - FORMAÇÃO DO PENTATEUCO.....	15
3 - AUTORIA DOS LIVROS DO PENTATEUCO	23
4 - CONTEXTO HISTÓRICO DA COMPOSIÇÃO DO PENTATEUCO	38
5 - ESTRUTURA DOS LIVROS DO PENTATEUCO.....	42
6 - O PENTATEUCO E A HISTÓRIA DE ISRAEL	48
7 - BERESHIOT (GÊNESIS).....	53
7.1. PANORAMA DO LIVRO	54
7.2. CONTEÚDO E ESTRUTURA DO LIVRO	56
7.3. A HISTÓRIA DAS ORIGENS	57
7.4. HISTÓRIA DOS PATRIARCAS	58
7.5. FONTES E GÊNEROS LITERÁRIOS	63
7.6. ESBOÇO DO GÊNESIS	64
8 - TEORIAS DA CRIAÇÃO DA TERRA (GÊNESIS 1:1-3).....	67
8.1. TEORIA DO VAZIO/LACUNA OU ARRUINAMENTO E A NOVA CRIAÇÃO.....	68
8.2. TEORIA DA CRIAÇÃO PROGRESSIVA.....	69
8.3. TEORIA DA ALTERNÂNCIA DIA-ERA.....	69
8.4. TEORIA DA CATÁSTROFE UNIVERSAL CAUSADA PELO DILÚVIO	69
8.5. A CRIAÇÃO DO UNIVERSO (GN. 1:1-25.)	71
8.6. A CRIAÇÃO (GN 1-2)	71
9 - A TEORIA DA LACUNA	76
9.1. GÊNESIS 1.14 DISTINGUE DIAS, ANOS E ESTAÇÕES.....	77
9.2. A SIMBIOSE REQUER UM DIA DE 24 HORAS	78
9.3. A SOBREVIVÊNCIA DA FAUNA E FLORA REQUER UM DIA DE 24 HORAS.....	78
9.4. GRAMÁTICA HEBRAICA	80
9.5. CULTURA.....	80
9.6. O TRÍPLICE PROBLEMA DA TEORIA DA LACUNA.....	80
10 - EXPLICANDO GRANDES DÚVIDAS DO GÊNESIS.....	83
10.1. QUEM ERAM OS “FILHOS DE DEUS” EM GÊNESIS 6?	83
10.2. QUANTO TEMPO DUROU A PREGAÇÃO DE NOÉ (GN 6)?	83
10.3. A PRÉ-HISTÓRIA BÍBLICA EM GÊNESIS 1 A 11.....	85
11 - SHEMOT (ÊXODO).....	90

11.1.	COMPOSIÇÃO DO LIVRO.....	91
11.2.	AUTORIA DO LIVRO	91
11.3.	CONTEXTO HISTÓRICO.....	92
11.4.	CONTEÚDO E ESTRUTURA DO LIVRO	94
11.5.	GÊNERO LITERÁRIO	96
11.6.	ESBOÇO DO ÊXODO.....	98
12 -	VAYKRÁ (LEVÍTICO).....	101
12.1.	CRÍTICAS AO LIVRO.....	102
12.2.	PANORAMA DO LIVRO	104
12.3.	COMPOSIÇÃO DO LIVRO.....	112
12.4.	AUTORIA DO LIVRO	119
12.5.	CONTEÚDO E ESTRUTURA DO LIVRO	120
12.6.	A INTERPRETAÇÃO DE LEVÍTICO EM HEBREUS.....	124
12.7.	FATOS A RESPEITO DAS CINCO OFERTAS.....	125
12.8.	AS CINCO OFERTAS EM ORDEM	125
12.9.	ESBOÇO DE LEVÍTICO	125
13 -	BAMIDBAR (NÚMEROS)	128
13.1.	COMO ENTENDER O LIVRO	130
13.2.	COMPOSIÇÃO DO LIVRO.....	133
13.3.	AUTORIA DO LIVRO	142
13.4.	CONTEÚDO E DIVISÃO DO LIVRO	143
13.5.	GÊNERO LITERÁRIO	145
13.6.	ESBOÇO DE NÚMEROS.....	147
14 -	DEVARIM (DEUTERONÔMIO)	150
14.1.	PANORAMA DO LIVRO	152
14.2.	COMPOSIÇÃO DO LIVRO.....	157
14.3.	AUTORIA DO LIVRO	161
14.4.	TEXTO E CONTEXTO DO LIVRO.....	163
14.5.	PORQUE MOISÉS É RECONHECIDO COMO AUTOR DO PENTATEUCO?.....	167
14.6.	DIVISÃO DO LIVRO	168
14.7.	GÊNERO LITERÁRIO DO LIVRO	181
15 -	A IMPORTÂNCIA DO PENTATEUCO.....	184
15.1.	PARA OS JUDEUS	185
15.2.	PARA OS CRISTÃOS.....	185

APRESENTAÇÃO

Seja bem-vindo(a), caro(a) aluno(a)!

Parabéns pela sua decisão de transformação, pois isso também mostra o quanto você está comprometido em contribuir com a transformação da igreja e da sociedade onde você está inserido.

O Instituto de Teologia Logos estará acompanhando você durante todo este processo, pois “os homens se educam juntos, na transformação do mundo”.

Os materiais produzidos oferecem linguagem simples, completa e de rápida assimilação, contribuindo para o seu desenvolvimento bíblico, teológico e ministerial, para desenvolver competências e habilidades e aplicar os conceitos, fundamentos e prática na sua área ministerial, possibilitando você atuar em favor do Reino de Deus com mais excelência. Nosso objetivo com este material é levar você a aprofundar-se no conteúdo, possibilitar o desenvolvimento da sua autonomia em busca de outros conhecimentos necessários para a sua formação bíblica, teológica e ministerial.

Portanto, nossa distância nesse processo de crescimento e construção do conhecimento deve ser apenas geográfica. Utilize todos os materiais didáticos e recursos pedagógicos que disponibilizamos para você. Acesse regularmente a Área do Aluno, participe no grupo online com o tutor online que se encontra disponível para sanar suas dúvidas e auxiliá-lo(a) em seu processo de aprendizagem, possibilitando-lhe trilhar com tranquilidade e segurança sua trajetória acadêmica.



**AULA
01**

1 - CONHECENDO O PENTATEUCO

Uma teologia da Bíblia ou de suas partes tem de examinar cuidadosamente o cenário da composição original — a época, o lugar, a situação e o autor — e a questão da forma e função canônica final. A teologia do Pentateuco tem de tomar conhecimento das circunstâncias históricas nas quais foi criado e, mais importante, dos interesses teológicos que motivaram a sua origem divina e humana, além de sua forma e função precisas. Até que entendamos tais princípios básicos, é impossível entender e corretamente articular a mensagem teológica dos escritos de Moisés. O nome Pentateuco reflete o tamanho da composição, visto que consiste em cinco rolos. A própria tradição judaica usa um termo mais preciso e informativo, a saber, Torá ou Toráh, que quer dizer “instrução”. Este nome sugere que o propósito dos escritos mosaicos era educar Israel acerca do significado geral da criação e da história, e acerca da função específica destas dentro dessa estrutura cósmica.

Chama-se "Lei de Moisés" ou Pentateuco (em hebraico Humash, Hamishá, Humashé Torah ou simplesmente Torah), Já em grego, é proveniente de duas palavras gregas penta, “cinco”, e teuchos “estojo ou instrumento”, posteriormente foi usada para designar “receptáculo” — lugar onde se guardava os rolos de papiro, ou seja, conjunto dos cinco primeiros livros da Bíblia, que são: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. Os nomes que derivam do grego estão relacionados com o conteúdo, enquanto que as denominações hebraicas são constituídas pela primeira ou principal palavra do início de qualquer livro – que remonta ao século III antes de Cristo, e por fim, “rolo” ou “volume”.

"O livro em cinco volumes." Os judeus lhe chamavam "A lei" ou "A lei de Moisés", porque a legislação de Moisés constitui parte importante do Pentateuco.

Todos os exemplares das Sagradas Escrituras principiam com o Pentateuco (os cinco primeiros livros da Bíblia). Os judeus chamam-no “a lei” (Tora). É provável que o Pentateuco originalmente fosse apenas um livro, dividido em cinco capítulos, correspondente aos livros de Gênesis a Deuteronômio. Segundo o Dr. Scofield, em alguns textos da Bíblia hebraica, o Pentateuco termina depois do verso 12 do cap. 34 de Deuteronômio com as seguintes palavras: “Sê forte! Os cinco quintos da Lei foram completados. Louva Deus, grande e terrível!”. A separação dos capítulos, tomados por livros, é por muitos atribuídas aos tradutores de Alexandria (72 sábios israelenses – 6 de cada tribo – que, em Alexandria, traduziam o Antigo Testamento do hebraico para o grego, tradução esta conhecida por Septuaginta).

A. Autor – O Pentateuco é de autoria de Moisés, servo de Deus, inspirado pelo Espírito Santo para escrever os cinco livros.

B. Período de Abrangência. – Os fatos registrados no Pentateuco engloba um período de mais de vinte e cinco séculos (2.500 anos).

- Gênesis – Da criação até a morte de José, abrangendo um período de 2.315 anos, isto é, 4.004 a 1.689 a. C.
- Êxodo – Os acontecimentos registrados em Êxodo abrangem um período de 216 anos, cerca de 1.706 a 1.490 a.C. começa com um povo escravizado, habitando na presença da idolatria egípcia e termina com um povo redimido habitando na presença de Deus.
- Levítico – O livro abrange o período de menos de um ano da jornada de Israel no Sinai.
- Números – 39 anos de jornada do povo de Israel no deserto, desde cerca de 1.490 a 1.451 a.C.
- Deuteronômio – Dois meses na planície de Moabe, no ano 1.451 a.C.

O Pentateuco é a primeira parte do Antigo Testamento e da Bíblia. Abarcam os livros conhecidos como Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. É também conhecido como Lei, por ser a Constituição do povo de Israel. Além disto, é de importância vital, tanto para o Judaísmo quanto para o Cristianismo. Os judeus sempre tiveram o Pentateuco em alta estima. Por ocasião do aparecimento dos samaritanos, estes aceitaram como única autoridade canônica, apenas o Pentateuco rejeitando o restante do Antigo Testamento. Assim surgiu o Pentateuco Samaritano. Da mesma forma, a seita dos saduceus também aceitava apenas o Pentateuco como inspirado divinamente. Se os fariseus aceitavam todo o Antigo Testamento como inspirado, sem sombra de dúvida, conferiam um lugar especial ao Pentateuco. Os judeus modernos em nada diminuíram o apreço pelo Pentateuco. Trechos dele são lidos todos os sábados nas sinagogas de forma que todo o seu conteúdo seja lido em um ano. Existe, inclusive, uma festa no calendário judaico marcando o término de um ciclo anual de leitura e, conseqüentemente, o início de outro - Simchat Torah (“Alegria da Lei”). Em cada casa judaica, existe uma mezuzá afixada no umbral da porta, que consiste em um pequeno pergaminho contendo Deuteronômio 6.4 - 9; 11.13 - 21 enrolado em uma capa. Aliás, Deuteronômio 6.4 (“Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR”) é recitado diariamente pelos judeus como uma oração - a Shemá, além de ser reconhecida como a confissão de fé judaica por excelência. Digno de nota é a oração especial que o judeu faz ao ler o Pentateuco:

“Bendito és tu, Senhor Nosso Deus, Rei do Universo, que nos escolheu dentre todos os povos e nos deu sua Lei. Bendito és tu, Senhor, aquele que dá a Lei. Bendito és tu, Senhor Nosso Deus, Rei do Universo, que nos deu a Lei da Verdade e plantou a vida eterna em nosso meio. Bendito és tu, Senhor, aquele que dá a Lei”.

Este carinho pelo Pentateuco pode ser visto também no Cristianismo. Desde os primórdios da Igreja, o Pentateuco sempre foi considerado uma das partes mais importantes do Antigo Testamento. Na Reforma Protestante sempre se partia dele para qualquer discussão sobre ética. Para Martinho Lutero, por exemplo, o Decálogo (os Dez Mandamentos) constituem a excellentíssima doutrina (doutrina excelentíssima).

Também Calvino e as confissões reformadas edificaram seus postulados éticos a partir do Decálogo.

Contudo, muitas falácias têm surgido em torno da autoria, estrutura e até mesmo integridade deste livro. Algumas destas coisas serão discutidas neste trabalho, vejamos:

1.1. Autoria do Pentateuco

A tradição rabínica sempre creditou a autoria do Pentateuco a Moisés, o grande legislador que libertou Israel do Egito, e que teria vivido ou em 1450 a.C. ou 1200 a.C. Admitiam, no entanto, que ele não poderia ter escrito acerca da própria morte, em Deut. 34. Supunham, portanto, que este trecho teria sido escrito por Josué, o seu sucessor à frente do povo de Israel. Assim, tanto no Judaísmo quanto no Cristianismo, passou a ser uma questão de fé a autoria mosaica do Pentateuco. Há apoio bíblico para este ponto de vista. E este começa dentro do próprio Pentateuco, ao afirmar textualmente que Moisés havia escrito a lei:

“Então disse o SENHOR a Moisés: Escreve isto para memória num livro e relata-o aos ouvidos de Josué: que eu totalmente hei de riscar a memória de Amaleque de debaixo dos céus”. (Êxodo 17:14) “E escreveu Moisés as suas saídas, segundo as suas jornadas, conforme o mandado do SENHOR; e estas são as suas jornadas, segundo as suas saídas”. (Números 33:2) “E Moisés escreveu esta Lei, e a deu aos sacerdotes, filhos de Levi, que levavam a arca do concerto do SENHOR, e a todos os anciãos de Israel... E aconteceu que, acabando Moisés de escrever as palavras desta Lei num livro, até de todo as acabar...” (Deuteronômio 31:9,24)

O restante da Bíblia também é unânime em atribuir a autoria do Pentateuco a Moisés. Isto é demonstrado pela denominação “Lei de Moisés”, conforme já abordamos logo acima. O Novo Testamento também será contundente nisso: a classe sacerdotal na Judéia dos tempos de Jesus afirmava ter Moisés escrito a lei (Mc 12.19); ler o Pentateuco é equivalente a “ler Moisés” (2 Co 3.15); os discípulos de Jesus reconheceram que Moisés havia escrito acerca dele (Jo 1.45). Mas é o próprio Jesus quem dá o testemunho de maior peso: “Porque, se vós crêdes em Moisés, crêdes em mim, porque de mim escreveu ele”. (João 5:46)

Não obstante, muitos estudiosos, principalmente a partir do século XVIII, começaram a duvidar da autoria mosaica. Alguns, inclusive, alegaram que Moisés não sabia escrever posto que em sua época ainda não havia escrita, mas isto já foi desmentido pela Arqueologia. Surgiu então a Teoria Documentária, segundo a qual o Pentateuco possuía vários autores posteriores a Moisés.

Os principais argumentos desta teoria são: o uso dos nomes divinos Yahweh (Senhor) e Elohim (Deus); a diferença de estilo do hebraico nas diversas passagens; a duplicação de certos fatos (duas vezes Abraão mente afirmando que Sara é sua irmã - Gn 12.13 e Gn 20.2; duas vezes o povo reclamou da sede no deserto - Êx 17.1,3 e Nm 21.5; e assim por diante); o uso da terceira pessoa, evidenciando que outra pessoa escreveu sobre Moisés (muito embora este seja um recurso literário muito utilizado na Antigüidade, como fizera Júlio César). Mas o pior não foi colocar em dúvida a autoria mosaica, e sim, afirmar que Moisés sequer nunca existiu que o mesmo é uma “lenda” e que todo o Pentateuco é uma “fraude piedosa”. Logicamente, isto fere o princípio da inspiração divina da Bíblia como um todo.

Sem dúvida, existem certos trechos “problemáticos” no Pentateuco:

Em Gn 14.14, Abraão busca pelo seu sobrinho Ló até a cidade de Dã. Mas nesta época aquela região ainda não havia recebido este nome. Está cidade recebeu este nome muito tempo depois, na época dos Juízes (Jz 18.29). Em Gn 36.31 afirma-se que todos os reis anteriormente mencionados neste capítulo são os que reinaram em Edom, antes que houvesse rei em Israel. Referindo-se a isto como um ato passado, pressupõe-se que já exista um rei em Israel e, portanto, esta lista não poderia ter sido escrita antes da instalação da monarquia em Israel - nem na época de Moisés. Em Êx 16.35 nos é relatado que o povo se alimentou do maná durante quarenta anos, até entrar em “terra habitada” quando então não mais se alimentaram do maná.

Note que aqui também o fato é tido como passado, consumado, mas que aconteceu somente depois da morte de Moisés, já sob a liderança de Josué (Js 5.10 - 12). Estes textos citados mostram que Moisés não os poderia ter escrito. Existem muitos trechos que evidenciam alguém que conhecia muito bem os costumes egípcios, provavelmente, uma testemunha ocular dos episódios do êxodo pode ter sido o autor de algumas partes. Quando a Bíblia afirma, porém, que Moisés escreveu a lei, devemos nos lembrar que o Pentateuco não contém apenas material legislativo, mas também narrativa histórica. Parece que Moisés escreveu o “corpo” do Pentateuco, em especial àquele referente às leis; e alguém “complementou” a parte narrativa muito tempo depois. Isto não contradiz o princípio da inspiração divina da Bíblia, posto que não importa quem escreveu, pois o verdadeiro autor é Deus. Existe outra tradição, a judaica, que afirma que os rolos do

Pentateuco foram queimados por ocasião da destruição de Jerusalém por Nabucodonosor e que, por isso, Esdras precisou reescrevê-los por inspiração do Espírito de Deus.

Isto talvez explique os versículos “difíceis” acima citados: Moisés escreveu, Esdras teria completado.

1.2. Os Livros do Pentateuco

Desde o começo, os primeiros cinco livros que compõem o Cânon como parte das Escrituras Hebraicas, foram aceitos pelos judeus como documentos autênticos. Assim, no tempo de Davi, os eventos registrados de Gênesis a I Samuel eram plenamente aceitos como a verdadeira história da nação e dos pactos entre Deus e o povo eleito.

No entanto, adversários das Escrituras Hebraicas têm atacado fortemente o Pentateuco, em particular no que tange à sua autenticidade e autoria. Por outro lado, ironicamente, devido ao reconhecimento, por parte dos judeus, de que Moisés é o autor do Pentateuco, podemos salientar o testemunho de antigos escritores, alguns dos quais eram inimigos dos judeus. Hecateu de Abdera, o historiador egípcio Mâneto, Lisímaco de Alexandria, Eupolemo, Tácito e Juvenal, todos atribuem a Moisés o estabelecimento do código de leis que distinguia os judeus das outras nações, e a maioria deles menciona em especial que ele assentou suas leis por escrito. Numênio, o filósofo pitagórico, até mesmo menciona Janes e Jambres como os sacerdotes egípcios que se opuseram a Moisés. (2 Tim. 3:8) Esses autores abrangem um período que se estende do tempo de Alexandre (século IV a.C), quando os gregos se interessaram pela história judaica pela primeira vez, até o tempo do Imperador Aureliano (século III d.C). Muitos outros escritores antigos mencionam Moisés como líder, governante e legislador.

Apesar do estrito cuidado dos copistas dos manuscritos da Bíblia, foram introduzidos no texto alguns pequenos erros e alterações de escribas. Como um todo, eles são insignificantes e não alteram a integridade geral das Escrituras; foram descobertos e corrigidos por meio de cuidadosa colação erudita e/ou comparação crítica dos muitos manuscritos e versões antigas existentes.

Quanto ao estudo crítico do texto hebraico, ele começou com os eruditos no século XVIII. Nos anos de 1776-80, em Oxford, Benjamin Kennicott publicou variantes de mais de 600 manuscritos hebraicos. Daí, em 1784-98, em Parma, o erudito italiano J. B. de Rossi publicou variantes de mais de 800 manuscritos.

O hebraísta S. Baer, da Alemanha, também produziu um texto-padrão. Mais recentemente, C. D. Ginsburg dedicou muitos anos à produção de um texto-padrão crítico da Bíblia hebraica. Foi publicado pela primeira vez em 1894, passando por revisão final em 1926. Este fornece um estudo textual por meio de notas de rodapé, que comparam muitos

manuscritos hebraicos do texto massorético. O texto básico usado por ele foi o texto de Ben Chayyim. Mas, quando os textos mais antigos e superiores massoréticos de Ben Asher se tornaram disponíveis, Kittel empreendeu a produção de uma terceira edição, inteiramente nova, que após a sua morte foi completada por seus colegas. Joseph Rotherham usou a edição de 1894 desse texto na produção da sua tradução inglesa, *The Emphasised Bible (A Bíblia Enfatizada)*, em 1902, e o Professor Max L. Margolis, junto com colaboradores, usou os textos de Ginsburg e de Baer na produção da sua tradução das Escrituras Hebraicas, em 1917.



AULA
02

2 - FORMAÇÃO DO PENTATEUCO

De acordo com Félix García López (2002), em sua obra *O Pentateuco: Introdução à Leitura dos Cinco Primeiros Livros da Bíblia*, o Pentateuco em si é uma grande composição literária, integrada e constituída por narrações e leis. Segundo esse autor, os personagens principais do Pentateuco vivem e se desenvolvem, de forma geral, num marco espacial (geográfico) e temporal bastante amplo, quando mesmo não o transcendem, como é no caso de Javé (Deus). Segundo o autor, em muitos aspectos, o Pentateuco é semelhante às obras literárias modernas.

A organização dos livros do Antigo Testamento na literatura hebraica é diferente da organização cristã, pois nela, segundo López (2002), é feita inclusive a união de alguns livros, que na literatura cristã são separados. São os livros dos 12 profetas menores, os dois livros de Samuel, os dois livros de Reis, os dois livros das Crônicas, assim como também é feita a junção dos livros de Neemias e Esdras, chegando ao total de 24 livros e não 39, como foi feita na nossa tradução do Pentateuco. No entanto, em relação a essas diferenças, apenas foram mudadas a forma estética e a organização, mas os conteúdos são equivalentes nas diferentes formas de tradução.

López (2002) traz um esquema de organização do Antigo Testamento de acordo com a tradição judaica, como podemos constatar a seguir:

DIVISÃO DOS LIVROS DO ANTIGO TESTAMENTO JUDAICO

A Lei: 5 Livros (A Torah)	Os Proféticos: 8 Livros (Os Neviym)	Os Escritos: 11 Livros (Os Kethuvym)
1 - Gênesis 2 - Êxodo 3 - Levítico 4 - Números 5 - Deuteronômio	A. PROFETAS ANTERIORES 1 - Josué 2 - Juízes 3 - Samuel 4 - Reis B. PROFETAS POSTERIORES 1 - Isaías 2 - Jeremias 3 - Ezequiel 4 - Os doze	A. LIVROS POÉTICOS 1 - Salmos 2 - Provérbios 3 - Jó B. CINCO ROLOS (MEGILOTH) 1 - O Cântico dos Cânticos 2 - Rute 3 - Lamentações 4 - Ester 5 - Eclesiastes C - LIVROS HISTÓRICOS 1 - Daniel 2 - Esdras - Neemias 3 - Crônicas

“Como podemos notar no quadro anterior, todos os livros do Antigo Testamento da tradução segundo a versão cristã eram reconhecidos pelo povo judeu e considerados também como divinamente inspirados, e aceitos inclusive pelo próprio historiador Flávio Josefo, em que ele apresenta uma divisão da estrutura não de 24 livros, mas de apenas 22 livros. Pois na divisão de 22 livros, adotada por Flávio Josefo, o livro de Rute está junto com o de Juízes e o livro de Lamentações com o de Jeremias. Devemos entender que a formação do Cânon do Antigo Testamento se deu de forma gradual, ocorrendo num espaço de tempo de aproximadamente 1.255 anos, desde o personagem de Moisés até Esdras. Segundo as fontes de pesquisas, “[...] isto vai desde o período em que Moisés esteve entre os midianitas (quando, segundo a tradição judaica, teria escrito o livro de Jó), por volta de 1700 a.C., até Esdras (445 a.C.)” (LÓPEZ, 2002).

Em relação à redação final do Antigo Testamento, Esdras não pode ser considerado como o redator final.

Esdras não foi o último escritor na formação do Cânon do Antigo Testamento; os últimos foram Neemias e Malaquias, porém, de acordo com os escritos históricos, foi ele que, na qualidade de escriba sacerdote, reuniu os rolos bíblicos, ficando assim o Cânon encerrado em seu tempo. Os profetas e os homens de Deus que compuseram os livros do Antigo Testamento não tinham consciência de como suas contribuições se enquadrariam a uma unidade global, formando assim o Antigo Testamento (LÓPEZ, 2002).

Devemos considerar que cada época (em se tratando de diferentes culturas e sociedades) tem a sua própria forma de ler, no sentido de compreender, a Bíblia, e de acordo com as correntes intelectuais que vigoram no dado momento. Nesse sentido, López (2002) conclui que os trabalhos de Fr. Luís de León e de Arias Montano refletem as correntes humanistas do período do Renascimento (séculos XIV e XV). Por outro lado, atesta o autor, durante o período do Iluminismo (século XVIII), em relação às pesquisas referentes às Sagradas Escrituras, começaram a ser aplicados os métodos histórico-críticos. No entanto, López recorda que bem mais tarde, a filosofia de Hegel, o positivismo de Comte, evolucionismo e estudos antropológicos, psicológicos e sociológicos contribuíram também para o desenvolvimento da investigação bíblica.

É a partir de metade do século XX que a tendência mais apurada na interpretação bíblica é a corrente da nova crítica literária. Essa corrente de pesquisa bíblica apresenta os estudos histórico-críticos que haviam se estabelecido durante mais de dois séculos e que nas últimas décadas têm aberto possibilidades para a existência ou ocorrência para novos métodos literários. Assim, foram se diversificando os métodos histórico-críticos e também foi se multiplicando a definição dos novos métodos literários (LÓPEZ, 2002). Portanto, de acordo com López (2002), a pluralidade dos estudos sobre o Pentateuco é um sinal dos tempos atuais.

De acordo com Albert de Pury (1996), organizador da obra “O Pentateuco em questão”, a primeira etapa propriamente literária da formação do Pentateuco pode ser situada pelo ano 1000, à época de Davi. Foi na corte do rei que foram redigidos cinco textos bem curtos que contam as histórias “primitivas” das origens de Abraão, de Isaac, de Jacó e de José. Esses pequenos documentos, segundo Pury, independentes uns dos outros, foram escritos a fim de responder aos adeptos da casa de Saul que contestavam a legitimidade do poder exercido pelo homem de Hebron. “A unidade do documento que fornece ao Pentateuco sua trama fundamental é, portanto, menos de ordem teológica do que de ordem política” (PURY, 1996, p. 164).

O Pentateuco é uma classificação dada aos cinco primeiros livros que compõem a Bíblia, sendo eles: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. Os cinco primeiros rolos em hebraico são chamados de Torah, verbo hebraico *yarah* que tem por significado “mostrar com o dedo”, “indicar”, significando então “instruir, ensinar”. O Pentateuco das Igrejas Cristãs é também conhecido como o Livro da Torá da religião judaica, segundo Anderson Vicente Gazzi, autor da obra “Introdução ao Estudo do Pentateuco”. Para uma melhor compreensão do conjunto dos livros que formam o Pentateuco, Gazzi (2013, p. 63) afirma que:

Os primeiros cinco livros da Bíblia (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio), geralmente chamados de “a Lei” ou “o Pentateuco”, integram a primeira e mais importante seção do Antigo Testamento, tanto na Bíblia Judaica como na Cristã. A divisão tripartida da Bíblia Hebraica em Lei, Profetas e Escritos (Salmos) pode ser encontrada no Novo Testamento (Lc 24.44.: “E disse-lhes: São estas as palavras que vos disse estando ainda convosco: convinha que se cumprisse tudo o que de mim estava escrito na Lei de Moisés, e nos Profetas, e nos Salmos”) e no Prólogo de Siraque (c.180 a.C.). A distribuição dos livros do Antigo Testamento nas Bíblias Cristãs, baseada na do Antigo Testamento Grego (a Septuaginta; c.150 a.C.), também concede ao Pentateuco esta primazia.

Enquanto um projeto de tradução do Pentateuco, a Septuaginta é considerada como a Torá greco-helenística. Assim, a versão da Septuaginta constituiu-se numa obra da exegese judaica antiga (SMEND, 1996). A Septuaginta deu-se, segundo Gazzi, como consequência da popularização da língua grega com o ápice do Império de Alexandre o Grande:

Como consequência dos setenta anos de cativeiro na Babilônia, e em virtude da forte influência do aramaico, a língua hebraica enfraqueceu-se. Todavia, fiéis à tradição de preservar os oráculos em sua própria língua, os judeus não permitiam ainda que os livros sagrados fossem vertidos para outro idioma. Alguns séculos mais tarde, porém, essa atitude exclusivista e ortodoxa teria de dar lugar a um senso mais prático e liberal. Com o estabelecimento do império de Alexandre o Grande, a partir de 331 a.C., a língua grega popularizou-se a ponto de tornar imprescindível que para ela se fizesse uma tradução das Sagradas Escrituras (GAZZI, 2013).

Com a tradução do hebraico para o grego, passou então a ser chamado de Pentateuco, que tem por significado “cinco rolos onde está contida a Lei de Javé (*lahweh*)”. Até o século XVIII, Moisés era reconhecido como sendo o único autor do Pentateuco pelas tradições judaica e cristã. Porém, do século XIX em diante surge a crítica literária que faz observações a alguns traços do Pentateuco, sugerindo a possível existência de mais de um

escritor. Pois em diversas passagens as narrações estão em versões diferentes, com estilos, vocabulários e tempos diferentes.

Segundo Pury, a questão da origem e do desenvolvimento do Pentateuco não é uma questão de interesse apenas a um grupo de pesquisadores da crítica literária.

Uma coisa deve ficar bem clara: a questão das origens e do desenvolvimento não é um problema marginal que só interessaria a um círculo restrito de profissionais da crítica literária. As implicações dos estudos do Pentateuco para o conjunto da ciência veterotestamentária – inclusive para a nossa própria percepção da história de Israel – são evidentes (PURY, 1996).

Para Pury (1996), o Pentateuco é o cânon mais antigo de uma comunidade de fé. Por conseguinte, seu devir (o vir a ser – desenvolvimento) também deve ser compreendido como um processo espiritual. Por isso é necessário estarmos atentos tanto ao aspecto literário quanto ao aspecto teológico.

O Pentateuco não foi escrito em uma única vez e não pode ser considerado como sendo a obra de um único autor. O Pentateuco deve ser entendido como escrito a partir de tradições orais e escritas diferentes que foram juntadas de forma progressiva e se unificando ao longo da história. A união de todo esse material só se deu na época depois do exílio da Babilônia.

“Seja qual for a resposta à questão da formação do Pentateuco, esta resposta terá que levar em conta o fato de que o Pentateuco deve ser compreendido, de qualquer forma, como uma resposta à catástrofe política e, mais ainda, à crise religiosa e espiritual do exílio” (PURY, 1996).

A fonte Javista, pelo fato de chamar Deus de Javé, é oriunda do reinado do rei Salomão por volta dos anos 960-930 a.C. Os textos dessa fonte podem ser verificados nos livros de Gênesis, Êxodo e Números. E também nos livros de Josué e Juízes. Essa fonte fala diretamente da história de Israel, desde a criação, passando pelo êxodo até a posse da terra em Canaã.

Essa fonte retrata o pensamento do povo da tribo do Sul (Judá), sendo que não dá para identificar diretamente os seus autores. Apenas há o conhecimento das tribos do Sul e de suas cortes. A fonte de tradição Javista apresenta a história de Israel no estilo de uma grande “Epopéia Nacional” em que todos têm marcada em suas memórias históricas “essa história” que é repassada da tradição oral secular recontada no contexto dos reis, privilegiando então as tribos do Sul.

A fonte Eloísta (por chamar a Deus de Elohim) foi composta entre os anos 900-850 a.C., depois da separação das tribos do Norte (Israel) e do Sul (Judá). Essa fonte apresenta as mesmas concepções da fonte sulista (apresentada na tradição Javista) e nos mesmos livros, porém, com uma nova perspectiva e olhar, próprio do povo nortista Israel. Propositamente, Eloísta é advindo do nome de Deus anterior ao êxodo, onde a divindade é invocada como Elohim, o Deus Altíssimo. Sua narrativa dá ênfase a locais (santuários, montes e locais sagrados) onde é forte a experiência de suas lideranças embrionárias (patriarcas, profetas) com a manifestação divina. Também é enfatizada a aliança com o povo (ao contrário da fonte Javista que dá ênfase ao reinado e templos) enquanto coletividade. Esta fonte valoriza mais o campo, a natureza, as tradições primitivas anteriores à monarquia, as relações interpessoais com a divindade, bem diferente da tradução javista que tem um perfil estatal e faz uso de personagens que atuam como mediadores entre Deus e o povo.

A fonte sacerdotal foi então composta no final do exílio dos judeus na Babilônia e no começo da restauração entre os anos de 550-450 a.C., pelos sacerdotes hebreus. A partir de Gênesis, Êxodo e passando pelos livros de Levítico e Números, os textos dessa fonte narrativa são fortemente constituídos e elaborados em genealogias, na observação da lei sabática, nas leis religiosas, na circuncisão, no tratamento de todas as enfermidades, no convívio social, no jeito e nas formas de prestar culto à divindade, a importância de toda a casta sacerdotal, dos símbolos religiosos e da interpretação da própria história através dos sacerdotes como sendo os mediadores entre Deus e os homens do povo. A influência da narrativa sacerdotal é bastante significativa no tempo da restauração e na conservação e observação dos costumes religiosos.

E, por fim, a fonte denominada de Deuteronomista (fonte que aponta para a observância irrestrita da lei) foi elaborada no reinado de Israel, ou seja, da tribo do Norte. A fonte Deuteronomista é considerada crítica e refinada. Quando no ano de 722 a.C. houve a queda do reino do Norte, essa tradição Deuteronomista foi então guardada por hebreus simpatizantes que habitavam o reino do Sul. Nessa fonte literária é forte a ideia da releitura da história da tribo do Norte a partir da aliança e do momento que o Reino do Sul está passando, de forma que teve o mesmo fim, que foi a sua destruição e o seu exílio. A fonte Deuteronomista em sua releitura da história dá ênfase na pré-história israelita desde os tempos de Moisés até o início do reinado, dando então valor àquilo que constitui a terra e o povo como sendo um dom e uma herança sagrada de Deus.

Gazzi (2013) afirma que depois da destruição de Jerusalém no ano 70 depois de Cristo, a própria versão da Bíblia chamada “a versão dos Setenta” perdeu muito do seu valor entre os teólogos judeus da época, em parte e também em consequência do modo pelo qual os próprios cristãos a usavam para fundamentar as suas crenças e as doutrinas de Cristo, e também, em parte, pelo fato de seu estilo ser falho de elegância. Por causa

PARABÉNS!!!

VOCÊ ACABOU DE LER O NOSSO CONTEÚDO!

Esta apostila é exclusiva para os alunos do Instituto de Teologia Logos... Se você ainda não está estudando conosco, nós estamos lhe oferecendo uma oportunidade de fazer sua inscrição com um excelente desconto e alguns bônus especiais.

Você só precisa clicar no link abaixo (ou copiar em seu navegador) para acessar nosso site e conhecer os cursos que estão disponíveis hoje!

:: CURSOS DE TEOLOGIA ::

www.institutodeteologialogos.com.br/cursos-de-teologia

:: BLOG DE TEOLOGIA ::

www.institutodeteologialogos.com.br/blog-de-teologia